

Entre antigos e modernos: notas sobre a história em Maquiavel¹

Ricardo Polidoro Mendes²

Resumo: Em seus *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, Maquiavel discorre sobre as histórias de Roma na busca do sentido da ação, do saber da política entremeadado à prática dos antigos. No próêmio ao primeiro livro e no próêmio ao segundo, o florentino tece algumas considerações a respeito das histórias e de como os modernos as apreendem, o que, para ele, se configura como um problema. Com efeito, para Maquiavel, o acesso ao passado não é imediato, seja pela leitura das histórias que busca apenas o deleite, e não o saber delas, seja pelo relato situado dos escritores, que retratam parcialmente as coisas antigas, seja ainda pela nostalgia que os idosos possuem de seus tempos de juventude, os quais eles consideram superiores à velhice, quando já não tem tantas forças. Assim, a relação entre passado e presente se torna problemática, pois os tempos antigos aparecem aos modernos como um passado glorioso, porém inatingível, irremediavelmente perdido e, portanto, em descompasso com o presente corrompido. Nossa proposta, então, é retomar o próêmio ao primeiro livro e o próêmio ao segundo livro dos *Discorsi* para investigar a relação entre presente e passado, e como Maquiavel elabora essa tensão por meio de uma noção de história que possibilita um saber da política comum a antigos e modernos, logo, uma noção de história que revele o fio de sentido comum que os atravessa no movimento histórico.

Palavra-chave: Maquiavel – História – Política – Desejo

Between ancients and moderns: notes on history in Machiavelli

Abstract: In his *Discourses on Livy*, Machiavelli discusses the histories of Rome in the search for the meaning of action, the knowledge of politics intertwined with the practice of the ancients. In the preamble to the first book and in the preamble to the second, the Florentine makes some considerations about the stories and how the moderns understand them, which for him as a problem. Indeed, for Machiavelli, the knowledge of the past is not immediate, either through the reading of stories that seeks only to delight, and not to know them, or through the situated narrative of the writers, who partially portray ancient things, or even through the nostalgia that the elderly have from their youth, which they consider superior to old age, when they no longer have so much strength. Thus, the relationship between past and present becomes problematic, as ancient times appear to moderns as a glorious past, but unattainable, irremediably lost and, therefore, out of step with the corrupted present. Our proposal, then, is to resume the preamble to the first book and the preamble to the second book of the *Discorsi* to investigate the relationship between present and past, and how Machiavelli elaborates this tension through a notion of history that makes possible a knowledge of the common politics to ancient and modern, therefore, a notion of history that reveals the thread of common sense that crosses them in the historical movement.

Keywords: Machiavelli – History – Politics – Desire

¹ Este texto é fruto de um trabalho de fim de curso, de uma disciplina ministrada pelas professoras Maria das Graças, Olgária Matos e Patrícia Fontoura Aranovich, e que depois se tornou parte de nossa dissertação de mestrado. Agradecemos às professoras pelas aulas e, em especial, à professora Patrícia pelos comentários preciosos para este texto e para a nossa dissertação.

² Doutorando em filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES). Código de Financiamento: 001. E-mail de contato: ricardo.polidoro.mendes@usp.br

Introdução

Em seus *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*³, Maquiavel se volta às histórias de Roma para apreender o sentido da política, o conhecimento entremeadado à ação dos antigos. Com efeito, no proêmio a essa obra, o florentino reconhece que as histórias são fonte de saber e conhecimento para a imitação de seus contemporâneos, ou seja, elas servem de modelo para guiar a conduta dos agentes com vista à ação de *virtù*. Desse modo, passado e presente estão em relação no discurso maquiaveliano, pois há algo de comum entre antigos e modernos, um fio de sentido comum que os atravessa pelo movimento da história, e que Maquiavel busca retrair para apreender um saber da política.

Essa relação, no entanto, não está isenta de problemas e questões, como o autor expõe já no proêmio ao primeiro livro e no proêmio ao segundo livro de seus *Discorsi*. Como dito acima, no primeiro, Maquiavel afirma que o passado é fonte de conhecimento, porém o autor também não deixa de salientar que esse saber é ignorado por seus contemporâneos, pois eles não se dedicam às histórias para apreender seu sentido, mas para se deleitar. Já no proêmio ao segundo livro, o florentino salienta que as pessoas geralmente louvam cegamente o passado – seja o passado antigo, conhecido pelas histórias, seja os tempos da juventude, saudados pelos idosos como momentos mais gloriosos que o tempo atual –, de modo que o presente sempre aparece a elas como degenerado e corrompido em oposição a um passado glorioso e perdido. A relação entre passado e presente, portanto, envolve alguns problemas, pois o conhecimento dos antigos e sua relação com os modernos fica obscurecida, o que lança dúvidas sobre o conhecimento das histórias e, nessa medida, sobre a história e a política em Maquiavel.

Assim, considerando essas questões, pretendemos nos voltar a esses dois proêmios para retomar o discurso maquiaveliano e investigar como o autor elabora esses problemas na tentativa de reestabelecer um ponto de contato entre passado e presente que assegure tanto um conhecimento da política quanto uma noção de história. Em primeiro lugar, nos voltamos ao proêmio ao primeiro livro dos *Discorsi* para identificar o intento de Maquiavel ao escrever essa obra e como esse fim investe sobre o passado por questões suscitadas pelo presente, ou seja, qual a relação que se estabelece entre antigos e modernos. Em seguida, passamos ao exame do proêmio ao segundo livro dos *Discorsi* para investigar a crítica de Maquiavel ao louvor cego pelo passado que obscurece não apenas o conhecimento das histórias e o saber da política, mas a própria ação no presente. Nossa investigação, portanto, pretende discorrer sobre esses dois momentos dos *Discorsi* para retrair um fio de sentido entre antigos e modernos e, dessa forma, apontar para uma noção de história em Maquiavel.

Entre antigos e modernos: notas sobre a história em Maquiavel

No início do proêmio ao primeiro livro de seus *Discorsi*, Maquiavel delineia seu intento ao longo do primeiro livro ao mesmo tempo que anuncia a novidade de sua empresa: o desejo de percorrer caminhos desconhecidos na busca pelo novo, intenção que parece

³ MAQUIAVEL, *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*, 2007. Doravante referido como *Discorsi*. As palavras e termos no original entre parênteses são da edição MACHIAVELLI, *Discorsi sopra la prima deca di Tito Lívio, Dell'arte della guerra e altre opere*, 2006.

romper com uma tradição cristalizada em vista do saber e da ação. A busca dessa novidade, porém, não está isenta de dificuldades, haja vista que, segundo o autor,

ainda que, devido à natureza invejosa dos homens, sempre tenha sido tão perigoso encontrar *modos e ordenações (modi et ordini)* novos quanto procurar águas e terras desconhecidas – por estarem os homens sempre mais prontos a censurar do que a louvar as ações alheias –, assim mesmo, levado pelo *desejo natural* que em mim sempre houve de trabalhar, sem nenhuma hesitação, pelas coisas que me pareçam trazer benefícios comuns a todos, deliberei entrar por um caminho que, não tendo ainda sido trilhado por ninguém, se me trouxer enfados e dificuldades, também me poderá trazer alguma recompensa, por meio daqueles que considerarem com humanidade os objetivos deste meu labor⁴.

A empresa de Maquiavel, portanto, se revela perigosa devido ao comportamento das pessoas, pois elas naturalmente são levadas a censurar as iniciativas alheias em vez de encorajá-las. O intento do florentino, então, encontra dificuldades para se realizar, pois ele está sozinho e exposto a críticas e censuras que inibem sua iniciativa. Entretanto, ainda há outro percalço, pois Maquiavel afirma que pretende explorar caminhos desconhecidos, ainda não trilhados por outros o que, por sua vez, torna os frutos de seus esforços incertos. No entanto, essas dificuldades não o desanimam, pois ele possui um *desejo natural* de trabalhar sem medo por aquilo que traz bem comum a todos. Assim, em oposição à inveja que censura e inibe a iniciativa alheia, o autor afirma que se mobiliza por um desejo de agir em prol da coletividade, de se lançar ao desconhecido tendo em vista o bem comum, ainda que corra riscos em sua jornada, motivação que se justifica não apenas pelos frutos de seu trabalho, mas também pela urgência da tarefa se se considerar a situação presente.

Segundo Maquiavel⁵, seus contemporâneos costumam louvar e reverenciar o passado, por isso os exemplos antigos são tomados pelos modernos em diversas atividades como modelos de imitação. Um fragmento de estátua, por exemplo, é adquirido para honrar uma casa, e os artistas tentam imitá-lo e representá-lo em suas obras, do mesmo modo que nos litígios civis e nas doenças do corpo, juízes e médicos se valem dos exemplos do passado e da experiência antiga para agir no presente. Logo, para essas atividades, o passado é fonte de conhecimento porque orienta a ação dos modernos e pode ser imitado, não sob a forma da cópia, mas sim da elaboração dos casos antigos segundo as circunstâncias⁶.

A antiguidade, portanto, é louvada por sua grandeza, pelos modelos excelentes que ensinam os homens a se guiarem no presente. Todavia, apesar dessa reverência aos exemplos antigos nas artes, no direito e na medicina, nem todas as atividades se conduzem com os olhos voltados ao passado, uma vez que, segundo Maquiavel, na política não há nenhuma imitação dos antigos, pelo contrário,

⁴ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 5, grifos nossos.

⁵ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 6.

⁶ Aranovich mostra que a imitação, tanto para Maquiavel quanto para seus contemporâneos, não se refere à cópia dos modelos do passado: “para Maquiavel a imitação é sempre possível, resguardadas as condições e a capacidade do imitador, pois a imitação não visa um modelo inalcançável, mas ações possíveis” (ARANOVICH, “Emulação e progresso”, p. 131).

as virtuosíssimas ações que as histórias nos mostram, ações realizadas por reinos e repúblicas antigas, por reis, comandantes, cidadãos, legisladores e outros que se afadigaram pela pátria *são mais admiradas que imitadas*; vendo, aliás que a tais ações, em suas mínimas coisas, todos fogem, e que daquela antiga *virtù* não nos ficou nenhum sinal; em vista de tudo isso não posso deixar de admirar-me e condoer-me ao mesmo tempo⁷.

Diferentemente das artes, que se servem do passado como guia, nos negócios públicos as virtuosas ações dos antigos são mais admiradas que imitadas, ou melhor, parece que os modernos se afastam delas e nem ao menos as levam em consideração. Desse modo, da *virtù* antiga, do modo excelente de se agir politicamente, não restou qualquer sinal entre os contemporâneos de Maquiavel.

Essa diferença, contudo, não se deve ao desprezo pelo passado, pois, como Maquiavel salientou, a antiguidade é reverenciada e admirada pelos modernos. Nesse sentido, a falta de imitação não ocorre porque se ignora o passado, mas decorre, segundo o florentino,

do fato de não haver *verdadeiro conhecimento das histórias, de não se extrair de sua leitura o sentido, de não se sentir nelas o sabor que têm*. Motivo por que infinitas pessoas que as leem sentem prazer em ouvir a grande variedade de acontecimentos que elas contêm, mas não pensam em imitá-las, considerando a imitação não só difícil como também impossível; *como se o céu, o sol, os elementos, os homens tivessem mudado de movimento, ordem e poder, distinguindo-se do que eram antigamente*⁸.

Assim, para o autor, a falta de imitação se deve à atitude contemplativa diante do passado. Os modernos leem as histórias e se deleitam com a variedade dos acontecimentos, com as ações maravilhosas realizadas pelos antigos, porém não extraem dessa variedade seu sentido. A antiguidade, então, se torna admirável, um tempo de ações grandiosas e agentes magníficos, mas esse louvor advém do prazer, não do saber. Logo, sem um conhecimento verdadeiro do passado, os modernos acreditam que a diferença temporal entre passado e presente se traduz em uma diferença de ordem, movimento e potência, isto é, uma diferença dos agentes e das coisas do mundo, como se as ações e acontecimentos antigos fossem distintos daqueles do presente e não pudessem servir de exemplo para a ação no presente.

Maquiavel, no entanto, denuncia a falsidade dessa opinião, pois embora haja uma diferença temporal entre o passado e o presente, não há uma mudança da estrutura do mundo e dos agentes. Com efeito, se por um lado a imitação pressupõe a diferença entre antigos e modernos, por outro ela se baseia na semelhança entre eles, pois a distância temporal permite aos modernos compreender o sentido das ações do passado e tomá-las como exemplo, ao mesmo tempo em que a semelhança – a mesma estrutura das coisas do mundo – permite que as ações antigas sejam imitadas no presente. Nesse sentido, o intento de Maquiavel é corrigir o equívoco de seus contemporâneos por meio da leitura das histórias e, assim, tornar a ação presente possível:

⁷ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 6, grifos nossos.

⁸ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, pp. 6-7, grifos nossos.

desejando, pois, afastar os homens desse erro, julguei necessário escrever, acerca de todos os livros de Tito Lívio que não nos foram tolhidos pelo tempo, aquilo que, do que sei das *coisas antigas e modernas*, julgar necessário ao maior entendimento deles, para que aqueles que lerem estes meus comentários possam retirar mais facilmente a utilidade pela qual se deve procurar o conhecimento das histórias⁹.

Esses são os modos e ordenações que Maquiavel busca, a saber, um conhecimento que reordene a ação no presente e reavive a *virtù* de outrora. Nesse momento, o desejo de agir do início do proêmio encontra o desejo de saber, de interpretar as histórias em busca de seu conhecimento verdadeiro em vista da ação. Assim, ação e saber, desejo de agir e desejo de saber, estão intimamente entrelaçados nessa empresa, pois a utilidade pela qual se deve procurar o conhecimento das histórias não é uma busca pelo prazer, mas a tentativa de intervir no presente em prol do bem comum.

Todavia, o caminho trilhado pelo autor não é tão simples e as sinuosidades do texto já se fazem presentes desde o início do livro. Nas primeiras linhas do proêmio, a reivindicação de uma novidade parecia indicar uma ruptura com o instituído, com uma tradição cristalizada, porém desde o início do texto Maquiavel se refere ao passado. Com efeito, não apenas a antiguidade aparece como fonte de exemplos e de conhecimento, como também se revela a via principal de acesso ao saber da política por meio da leitura de um texto clássico e de um autor da tradição – a *História de Roma*, de Tito Lívio¹⁰. Logo, se o passado é erigido como modelo, em que medida seria possível reivindicar uma novidade? Em que medida modos e ordenações novas podem emergir do retorno ou da referência ao antigo?¹¹.

Essas questões poderiam ser dissipadas se a intenção de Maquiavel fosse empreender uma leitura inovadora do texto de Tito Lívio, uma forma de ler as histórias que extraísse o seu conhecimento em vez de apenas proporcionar divertimento. Contudo, essa hipótese se desfaz tão logo nos debruçamos sobre os primeiros capítulos dos *Discorsi*, pois, em vez de se tratar de um simples comentário a um texto clássico, Maquiavel discorre sobre casos antigos e modernos, seja de cidades como de agentes – de Roma, Florença, Esparta, e Veneza, a Rômulo, Licurgo, Soderini, os Medici, dentre outros. Assim, nos embarçamos mais uma vez, pois a estratégia do autor não se resume a um retorno ao passado para desvelar uma verdade escondida nas histórias. Antes, passado e presente aparecem nos *Discorsi* lado a lado, igualmente importantes ao longo da obra.

Entretanto, se antigos e modernos são semelhantes, qual seria o sentido em procurar um conhecimento nas histórias e ignorar a situação presente? Se o que motiva Maquiavel a escrever é um problema de seu tempo – a falta de imitação e de *virtù* no presente –, como ele poderia estar ausente da investigação? Nesse sentido, os *Discorsi* não são o comentário de um texto clássico na busca de uma verdade esquecida. Pelo contrário, nas últimas linhas do proêmio, Maquiavel reivindica seu conhecimento das *coisas antigas* e das *modernas*, ou seja, ele

⁹ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 7, grifos nossos.

¹⁰ TITO LÍVIO, *História de Roma*, 1989.

¹¹ A respeito dessas questões e da interpretação de Lefort em torno desse proêmio, cf. BENEVENUTO, “Sobre a novidade de Maquiavel: notas sobre a interpretação lefortiana do proêmio dos *Discorsi*”.

busca empreender uma interpretação que desvele o saber da política pelo contato entre o passado e o presente, haja vista que, segundo Lefort,

nem o passado, sobretudo o passado romano, nem o texto que guia o acesso a eles, o texto de Tito Lívio, revelam-se suscetíveis de um conhecimento imediato; requerem decifração; seu significado mostra-se somente para aqueles que sabem compreender os fatos por meio do livro e o livro por meio dos fatos, e mesclar os fatos presentes e passados¹².

O passado não tem primazia sobre o presente, pois o conhecimento buscado por Maquiavel, na medida em que é um saber da política, não está restrito às histórias. Antes, está tanto nas coisas antigas quanto nas modernas. Há, portanto, uma tensão entre passado e presente no discurso maquiaveliano – em especial nos *Discorsi*, o caso sobre o qual discorreremos –, pois o autor busca retrair o fio de sentido comum a antigos e modernos, aquele que foi perdido pela leitura vazia das histórias porque ignora seu conhecimento político e se preocupa apenas com o deleite. Assim, o retorno a Tito Lívio não é uma simples volta ao passado, a exegese de um texto que conteria em si a verdade da ação política, mas uma maneira de tensionar passado e presente na busca do saber da política¹³.

Essa relação entre antigo e moderno se torna ainda mais nítida se nos dirigirmos ao próêmio do segundo livro dos *Discorsi*. Nesse momento, Maquiavel¹⁴ retoma a problemática do louvor à antiguidade, mas em outros termos, pois agora a admiração pelo passado não apenas interdita a ação no presente, mas também faz com que os tempos presentes sejam considerados inferiores em relação aos antigos. Com efeito, seja pelas memórias deixadas pelos escritores e narradas nas histórias ou pelas lembranças que os idosos guardam de sua juventude, julga-se que os tempos passados são mais gloriosos que os presentes, os quais seriam corrompidos e teriam perdido a grandeza de outrora. Maquiavel, no entanto, denuncia o engano desse juízo, pois a antiguidade narrada pelas histórias e tão admirada pelos modernos, parece não merecer esse sumo louvor, haja vista que, segundo o florentino,

nunca se conhece toda a verdade (al tutto la verità) das coisas antigas, visto que, no mais das vezes, se escondem as coisas que infamariam aqueles tempos, magnificando-se e ampliando-se as outras coisas que podem glorificá-los. Porque a maioria dos escritores se atêm de tal modo à fortuna dos vencedores que, para tornarem gloriosas as suas vitórias, não só aumentam aquilo que virtuosamente fizeram, como também magnificam as ações dos inimigos de tal modo que quem nascer depois em qualquer uma das duas províncias, na vitoriosa ou na vencida, terá razão para admirar-se

¹² LEFORT, “Maquiavel e a *verità effettuale*”, p. 143.

¹³ Nesse sentido, para se compreender o sentido da história em Maquiavel, bem como seu procedimento de leitura dos escritores e historiadores antigos, sem dúvida seria necessário retornar aos textos desses últimos para interpretá-los em consonância com o discurso maquiaveliano a fim de compreender como o florentino se apropria do saber da tradição e o reelabora em um novo conhecimento da política e da história. Esse procedimento, no entanto, ultrapassa o âmbito deste texto, e nos limitamos apenas a indicar como Maquiavel pretende ler a tradição pela interpretação do próêmio ao segundo livro dos *Discorsi*, no decorrer de nosso texto.

¹⁴ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 177.

daqueles homens e daqueles tempos, havendo de, forçosamente, louvá-los e amá-los¹⁵.

As histórias, portanto, não representam as coisas antigas em sua inteireza, com aquilo que lhes atribuiria glória e aquilo que lhes acarretaria infâmia. Pelo contrário, os escritores estão atrelados à sorte dos vencedores e nessa medida buscam ilustrá-los de modo magnífico e glorioso para engrandecê-los. As coisas antigas, portanto, não são completamente conhecidas, há apenas fragmentos delas pelas quais aquilo de virtuoso é enaltecido e aquilo de corrompido é escondido, por isso a aura de glória de que elas se revestem é mais efeito da narrativa dos escritores do que de sua efetiva verdade.

Sob essa ótica, o passado aparece como magnífico e não há motivos para censurá-lo porque ele não suscita ódio nas pessoas, haja vista que, segundo Maquiavel,

os homens odeiam as coisas por temor ou por inveja, e nas coisas passadas estão extintas essas duas potentíssimas razões do ódio, visto que elas não podem ofender e não dão motivo de inveja. Mas o contrário ocorre com *as coisas que se tocam e se veem*, pois, pelo conhecimento total (*intera cognizione*) que delas se tem, por não haver nada que nelas seja oculto, por se conhecer nelas, além do que é bom, muitas outras coisas que desagradam, é mister que elas sejam julgadas muito inferiores às antigas, ainda que, na verdade, as coisas presentes merecessem muito mais glória e fama que as antigas¹⁶.

Ao contrário das coisas antigas, as presentes aparecem às pessoas em sua inteireza, com aquilo que possuem de bom e com aquilo que desagrada, sem que nada delas seja escondido. Assim, louvam-se os tempos antigos porque as razões para odiá-los são escondidas, ao passo que se censura o presente porque nele os vícios estão claramente expostos e são vividos e experienciados por todos. A opinião de que a antiguidade seria superior ao presente, portanto, revela-se um engano, fruto do modo diverso de se apreender as coisas antigas e as presentes, pois não há nada de intrínseco à antiguidade que a faça superior ao presente.

Nesse sentido, assim como no próêmio ao primeiro livro, Maquiavel se opõe ao louvor cego pelo passado que interdita a ação no presente, pois aquele não é superior a este por uma qualidade intrínseca. No entanto, se antes o problema era a falta de compreensão das histórias, aqui a questão é o próprio conhecimento do passado, pois ele parece impossível de se apreender, visto que as narrativas encobrem aquilo que traria infâmia às coisas antigas, engrandecem aquilo que lhes proporcionaria glória e, desse modo, retratam o passado apenas parcialmente e, ademais, como um tempo magnífico. Assim, se as histórias são apenas relatos situados, se as narrativas antigas enaltecem as virtudes dos vencedores e escondem seus vícios, seria possível investigar as histórias a fim de se encontrar um saber comum a antigos e modernos? Ainda, se as coisas antigas e as modernas são apreendidas de modo diverso, como encontrar um saber comum a elas?

¹⁵ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 177, grifos nossos.

¹⁶ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 178, grifos nossos.

Essa diferença de apreensão, no entanto, não implica que o juízo sobre os tempos seja irremediavelmente equivocado, nem que o saber da política seja impossível. Pelo contrário, no próêmio ao primeiro livro, Maquiavel já assinalara a necessidade de interpretar as histórias para além da superficialidade de uma leitura desatenta que só busca o deleite com a variedade dos acontecimentos. Além disso, assinalamos também que, para o autor, o conhecimento da política está nas coisas antigas e nas modernas, naquilo em que elas se tocam e, portanto, no sentido que as percorre. Nesse sentido, o saber da política não depende das histórias enquanto fontes de uma verdade perdida, mas da relação entre presente e passado, da tensão entre os tempos que mostram as dinâmicas dos corpos sociais, porque, segundo Maquiavel,

como estão em movimento, as coisas humanas ora sobem ora descem. E uma cidade ou uma província que é ordenada por algum homem excelente, graças à *virtù* de tal ordenador, durante certo tempo cresce e caminha sempre para o melhor. Quem nascer então em tal estado e louvar mais os tempos antigos que os modernos se enganará; [...]. Mas não se enganarão nisso os que nascerem depois, naquela cidade ou naquela província, quando tiver chegado o tempo do seu declínio para os tempos mais desfavoráveis¹⁷.

O juízo dos tempos é feito por um observador situado em meio à variação dos corpos sociais, os quais ora se engrandecem, ora se corrompem, por isso, esse observador deve examinar a diferença temporal ao qual a cidade está sujeita, isto é, se ela está se engrandecendo ou se ela está se corrompendo. Passado e presente, portanto, não são instantes isolados e circunscritos em si mesmos, sem relação um com o outro. Pelo contrário, os corpos sociais estão na duração, em um movimento histórico pelo qual se corrompem e se engrandecem, ou seja, se alteram ao longo do tempo.

Assim, ao lançar luz sobre a variação das cidades e províncias, Maquiavel propõe uma avaliação dos tempos ancorada no movimento da história, na compreensão de que passado e presente são momentos temporalmente distintos em que o corpo social passa por mudanças e variações, e não instantes qualitativamente diversos, como se o presente fosse corrompido e o passado, glorioso. Como visto no próêmio ao primeiro livro, não há diferença de movimento, ordem e poder na estrutura do mundo e das coisas humanas, por isso, em si mesmo, o passado não é superior ao presente:

concluo que o mundo sempre foi de um mesmo modo, que nele sempre houve o bom e o mau, mas que há variações entre este mau e este bom de uma província para outra, conforme se vê pelo conhecimento que temos dos reinos antigos, que variam de um para o outro de acordo com a variação dos costumes, embora o mundo permanecesse sempre o mesmo¹⁸.

A variação das coisas do mundo não implica uma distinção qualitativa entre passado e presente. Pelo contrário, há uma permanência na variação, uma estrutura das coisas do

¹⁷ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 178.

¹⁸ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, pp.178-9.

mundo de acordo com a qual as mudanças ocorrem. Em outras palavras, uma continuidade, um fio de sentido que atravessa as coisas antigas e modernas e permite pensar, portanto, em uma história dos corpos sociais segundo a variação deles. Nesse sentido, Morfino assinala que a continuidade e a variação não devem ser pensadas separadamente,

como se de um lado houvesse o permanecer das formas e do outro a contínua variação dos acidentes, mas uma na outra, precisamente para evitar, por um lado, uma petrificação do devir pelo conceito, e de outra, a dissolução de sua inteligibilidade em uma dispersão sem estrutura¹⁹.

Os corpos sociais estão em constante mudança, eles sobem ou descem, se engrandecem ou se corrompem, mas a estrutura do mundo permanece a mesma, com tanta *virtù* e corrupção como sempre houve. A diferença é que a mudança pela qual eles passam ao longo do tempo corresponde a um deslocamento temporal e espacial da *virtù*, pois enquanto um corpo social se corrompe, outro se engrandece e assume a posição que fora daquele, visto que, segundo Maquiavel,

depois de colocar a sua *virtù* na Assíria, ele [o mundo] a colocou na Média, depois na Pérsia, até chegar à Itália e a Roma; e se, depois do Império Romano, não se seguiu nenhum Império que tenha durado e onde o mundo tenha acumulado toda sua *virtù*, pode-se ver, contudo, que ela se espalhou por muitas nações onde se vivia virtuosamente, tais como o reino dos francos, o reino dos turcos, o do sultão do Egito e, hoje, os povos da Alemanha²⁰.

A variação interna dos corpos sociais, então, se relaciona ao movimento de outros, os quais possuem suas próprias mudanças internas e externas em uma dinâmica que implica a todos, pois a *virtù* que se encontrava em um local, depois, passou para outro, e assim por diante. Assim, as mudanças observadas nesses corpos ao longo de suas histórias mostram a diferença dos tempos e a permanência do mundo, ou seja, mudanças segundo a mesma estrutura. Logo, há uma diferença temporal entre antigos e modernos, pois as condições singulares de cada um são diversas segundo as variações dos corpos sociais, porém o mundo em que eles se encontram é o mesmo, com tanto bom e tanto mau, tanta *virtù* e tanta corrupção quanto sempre houve – ou, nos termos do próêmio ao primeiro livro: o mesmo movimento, ordem e poder.

Nesse sentido, o louvor cego pelo passado se revela um equívoco originado da leitura acrítica das histórias, reprovação que Maquiavel já havia feito no próêmio ao primeiro livro. Os dois próêmios, então, parecem se encaminhar para um novo modo de leitura das histórias, uma reconsideração sobre o passado e a tradição na busca de novos modos e ordenações, pois em vez de apenas admirar e louvar a antiguidade, Maquiavel propõe a interpretação das coisas antigas e das modernas lado a lado como via de conhecimento da política, isto é, um exame das histórias na busca de seu sentido político. Agora, passado e presente não são vistos

¹⁹ MORFINO, “The five theses of Machiavelli philosophy”, p. 151, tradução nossa.

²⁰ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 179.

mais como momentos radicalmente inconciliáveis, pois a história os relaciona com suas diferenças e semelhanças.

Nesse sentido, se Roma é um exemplo e Maquiavel decide retomá-la por meio das histórias de Tito Lívio, seu objetivo não é para representá-la como um tempo glorioso, magnífico, porém irremediavelmente perdido em oposição à degeneração do presente. Pelo contrário, pela compreensão do movimento dos corpos sociais, percebe-se que Roma foi um exemplo de *virtù* mas que, após ela, outros povos também foram virtuosos porque, segundo o florentino, “depois que os romanos se arruinaram, houve em todas essas seitas – e ainda há em algumas delas – a *virtù* que se deseja e que se louva com justo louvor”²¹. A *virtù*, portanto, não pertence a um passado perdido e inalcançável. O mundo é o mesmo, a possibilidade da ação virtuosa existe para aqueles que desejam agir e saber, e essa é a busca de Maquiavel: liberar os modernos do louvor a um passado imemorial tendo em vista a ação no presente, deixar de ler as histórias com a nostalgia de uma antiguidade gloriosa para decifrar nelas o signo da *virtù* política a ser imitado no presente.

Todavia, ainda que a reconsideração do papel das histórias mobilize o desejo de saber e de agir dos modernos, ainda resta outro obstáculo colocado pelo autor no início do próêmio ao segundo livro, a saber, o julgamento dos idosos. Nesse caso, não se julga o passado superior por conta das narrativas dos escritores antigos, mas sim pelo próprio julgamento dos agentes, dificuldade que, em um primeiro momento, parece estranha, visto que, segundo Maquiavel, se os modernos se enganam nas coisas antiquíssimas porque não as conhecem como aquelas de seu tempo, “o mesmo não deveria ocorrer com os velhos, quando julgam os tempos da juventude e os da velhice, uma vez que conheceram e viveram igualmente aquelas e estas”²². Esse problema, portanto, se refere ao próprio modo dos idosos julgarem as coisas que viveram na juventude e na velhice, o que dificulta a investigação, pois, se há uma apreensão completa das coisas presentes, se elas foram igualmente vividas e vistas tanto na juventude quanto na velhice, com aquilo de bom e aquilo que desagradava, como é possível que os idosos se enganem ao julgar esses dois momentos de suas vidas e considerem o passado superior ao presente?

O engano, porém, parece não se referir ao modo de apreensão das coisas presentes, mas à mudança nos próprios agentes ao longo da vida. Com efeito, segundo Maquiavel, esse engano não ocorreria

se, em todos os momentos da vida, os homens tivessem o mesmo tipo de julgamento e os mesmos *desejos* (*appetiti*); mas variando estes, mesmo quando os tempos não variam, os homens não podem ter dos tempos as mesmas impressões, visto terem *desejos* (*appetiti*), predileções e considerações diferentes na velhice e na juventude. Porque, se à medida que os homens envelhecem lhes mingam as forças e crescem-lhes o juízo e a prudência, é inevitável que as coisas que na juventude lhes pareciam suportáveis e boas acabem por mostrar-se insuportáveis e ruins à medida em que envelhecem; e, em vez de acusarem seu modo de julgar, acusam os tempos²³.

²¹ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 179.

²² MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 180.

²³ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 180, grifos nossos.

Os agentes estão na duração, eles envelhecem e perdem suas forças, por isso seus desejos e julgamentos mudam no decorrer de suas vidas. Dessa forma, ainda que os tempos não variem, as impressões na juventude e na velhice são diversas porque os desejos, as predileções e as considerações mudam ao longo da vida. O aumento da prudência e do juízo conforme a idade, por sua vez, não se traduz imediatamente em um melhor julgamento, porque sem a força da juventude as coisas que antes pareciam boas e suportáveis se tornam ruins e insuportáveis, por isso os idosos consideram a juventude superior à velhice. Logo, a avaliação dos tempos não é fruto de uma observação neutra, pois envolve a mudança dos agentes ao longo de suas vidas e, nesse sentido, prudência e juízo não são irrelevantes, mas igualmente importante é o papel da força e do desejo, visto que, segundo Maquiavel, como

os apetites (appetiti) humanos são insaciáveis, porque, tendo os homens sido dotados pela natureza do poder e da vontade de desejar todas as coisas e pela fortuna de poder conseguir poucas, o resultado é o contínuo descontentamento das mentes humanas e o fastio das coisas possuídas: o que leva a condenar os tempos presentes, a louvar os tempos passados e a desejar os tempos futuros²⁴.

A própria condição dos agentes, portanto, parece apontar para um engano de julgamento devido aos apetites que causam um contínuo descontentamento. Como sempre desejam mais, porém não podem obter tudo, eles louvam o passado com nostalgia pelo que possuíram, censuram o presente porque almejam mais do que possuem imediatamente, e desejam o futuro porque anseiam obter mais. O desejo, então, os arrasta de um lado a outro, pois eles querem sempre mais do que são capazes de conseguir, e a assimetria entre o desejo e a capacidade de possuir gera um descontentamento que se traduz na reprovação do presente como um tempo inferior ao passado, pois, sem possuir a força de outrora, os idosos acabam por censurá-lo. Assim, o juízo sobre os tempos passa irremediavelmente pela compreensão dos apetites dos agentes, de como eles operam e os mobilizam ao longo de suas vidas.

Maquiavel, então, seria vítima dessa armadilha do desejo? Dessa condição dos agentes que diminui suas forças, os torna nostálgicos e, por conseguinte, os faz louvar o passado no qual eram jovens e censurar o presente no qual perderam suas forças? A censura do autor ao presente florentino e a busca da *virtù* da República Romana pelos escritos de Tito Lívio não recairiam nessa estrutura de funcionamento do desejo? Ainda, seria possível não incorrer em um engano a respeito dos tempos se a própria condição dos agentes parece conduzi-los a um equívoco?

A astúcia de Maquiavel, porém, é não rejeitar o desejo, mas reordená-lo. Sem dúvida, o florentino censura os tempos presentes e louva os antigos, mas ele não o faz com a nostalgia pelo passado glorioso de outrora, tampouco com a ambição de possuir mais para si próprio. Pelo contrário, o desejo de saber de Maquiavel se vincula a seu desejo de agir, de intervir no presente. Desde o próêmio ao primeiro livro, o florentino busca novos modos e ordenações tendo em vista a ação de *virtù* no presente, isto é, não para reviver um passado imemorial,

²⁴ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 180, grifos nossos.

mas para abrir caminhos para a mudança do atual estado de coisas, haja vista que, segundo ele,

se a *virtù* que então reinava e o vício que agora reina não fossem mais claros que o sol, eu seria mais contido no que digo, evitando incorrer no erro de que acuso alguns. Mas, sendo a coisa tão manifesta, que qualquer um pode vê-la, serei ousado e direi manifestamente tudo o que pensar sobre aqueles tempos e estes, para que *os ânimos (animi)* dos jovens que lerem estes meus escritos possam fugir a estes tempos e preparar-se para *imitar* aqueles, sempre que a fortuna lhes der a ocasião²⁵.

Diante dos vícios de seu tempo, ao olhar para a situação presente e para a antiga segundo o movimento das coisas humanas, a perda da liberdade e da *virtù*, a corrupção de Florença e da Itália parecem claras a Maquiavel. No entanto, a intervenção no presente não está descartada. Diferentemente daqueles que lembram do passado com nostalgia, Maquiavel não escreve para si, mas para os jovens, para mobilizar seus desejos de saber e de agir quando a ocasião se apresentar. Assim, o florentino almeja o futuro, porém mais do que o ganho pessoal, o que ele deseja é a ação de *virtù* em prol da coletividade. Reordenação sutil do desejo, direcionamento dos apetites para o bem comum e não para o ganho privado. Pelo diálogo com o outro se abre a possibilidade de uma ação no presente que não seja autocentrada, mas que vise a mudança do estado de coisas.

Conclusão

A busca de Maquiavel pelo novo, então, se desprende da nostalgia pela antiguidade, do louvor ao passado, porém ele não o ignora. Com efeito, ainda que não se reduza às trilhas antigas – às histórias e às palavras dos escritores do passado – o caminho que leva a novos modos e ordenações não é percorrido no vazio. Nesse sentido, a proposta de Maquiavel não é rejeitar as histórias, as palavras dos escritores antigos e a experiência imediatamente passada. Ao contrário, o florentino busca retrazar um fio de sentido entre passado e presente que os interprete como momentos temporalmente distintos na variação dos corpos sociais, das coisas do mundo, mas sem atribui a esses momentos uma qualidade intrínseca. Se os tempos antigos e os modernos são diferentes, isso se deve às mudanças e variações dos corpos sociais ao longo do tempo, ou seja, à história que transcorreu ao longo de instantes diversos e que ocasionou efeitos diferentes em diferentes momentos, ou seja, aos movimentos de corrupção e de engrandecimento.

Assim, as histórias dos escritores antigos não são descartadas, mas elas são tomadas em contato com a experiência presente, o problema que leva Maquiavel a escrever, a saber, a falta de imitação dos antigos, a ausência da ação de *virtù* entre os modernos. Isto é o que leva o florentino a escrever, e é o que o permite se esquivar da tentação de louvar cegamente o passado em detrimento da ação presente. Pelo contrário, Maquiavel escreve para os outros, para que seus contemporâneos possam lê-lo e possam não apenas almejar, mas também alcançar a ação de *virtù* para mudar a situação presente.

²⁵ MAQUIAVEL, *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*, p. 181, grifos nossos.

Dessa forma, antigos e modernos estão em relação. A despeito da diferença entre eles, há um fio de sentido que os atravessa em uma história, ou seja, um movimento dos corpos sociais, o qual, por sua vez, revela um saber da política, uma lógica da ação que permite aos modernos imitar os antigos. Logo, pela história, Maquiavel relaciona passado e presente e revela que a diferença temporal não implica uma distinção intrínseca entre eles – como se o céu, o sol, os elementos, os agentes, tivessem mudado de movimento, ordem e poder. Estes são os mesmos, e por isso, a ação de *virtù* é uma possibilidade para os modernos como era para os antigos.

Referências bibliográficas

ARANOVICH, P. “Emulação e progresso”. In: *Quadranti*, Salerno, vol. III, n. 1-2, pp. 121-132, 2015.

BENEVENUTO, F. “Sobre a novidade de Maquiavel: notas sobre a interpretação lefortiana do prêmio dos *Discorsi*”. In: *Revista Discurso* (USP), São Paulo, vol. 48, n. 1, pp. 109-119.

LEFORT, C. “Maquiavel e a *verità effettuale*”. In: *Desafios da escrita política*. São Paulo: Discurso Editorial, 1999, pp. 141-178.

MACHIAVELLI, N. *Discorsi Sopra la Prima Deca di Tito Livio, Dell'Arte Della Guerra e Altre Opere*. 2 vol. Varese: UTET, 2006.

MAQUIAVEL, N. *Discursos Sobre a Primeira Década de Tito Lívio*. Tradução MF. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MORFINO, V. “The five theses of Machiavelli’s philosophy”. In: DEL LUCCHESI, F.; FROSINI, F.; MORFINO, V. (eds.). *The Radical Machiavelli*. Leiden: Brill, pp. 144-173, 2015.

TITO LÍVIO. *História de Roma*. Tradução de Paulo Matos Peixoto. 6 vol. São Paulo: Editora Paumape, 1989.